

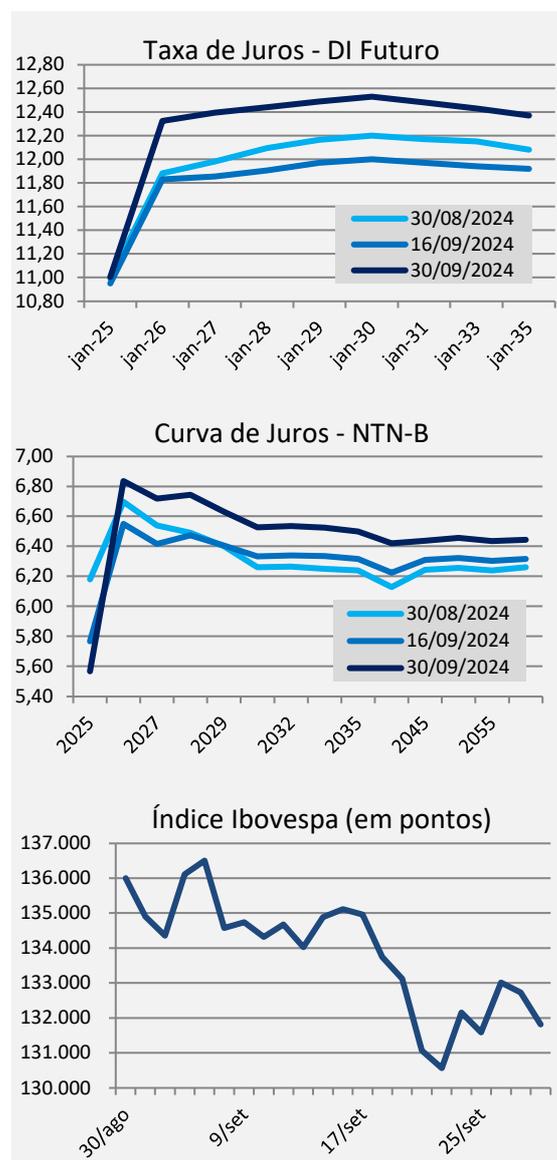
## Mercado Financeiro e Cenário Macroeconômico

Setembro foi marcado por importantes mudanças na condução de políticas monetárias aqui e no exterior, assim como uma mudança drástica de postura do governo chinês. Nos EUA, tivemos o tão esperado, e já precificado pelo mercado, início do ciclo de cortes de juros pelo FOMC (Comitê de Política Monetária Americano). Porém, diferente do que muitos esperavam, o corte inicial foi de 0,50%, mostrando uma postura mais defensiva da autarquia com o “compromisso” de não ficar atrasado em relação à desaceleração da economia. Outro fato que marcou a decisão, foi a dissidência da votação com uma diretora votando por corte de 0,25%, sendo a primeira divergência desde 2005. Em geral, a mensagem que o Fed passou com o comunicado foi de exaltar o compromisso com o pleno emprego e sinalizar que essa decisão não influencia os próximos movimentos, deixando em aberto os passos seguintes no processo de afrouxo monetário. Em relação aos dados macroeconômicos nos EUA, o mercado de trabalho seguiu desacelerando de forma gradual em setembro, embora dados de demanda doméstica ainda apresentarem sinais relativamente fortes. Outro aspecto positivo veio dos dados de inflação, que mostraram desaceleração tanto nas métricas amplas quanto nas medidas de núcleos (fato que corroborou com a visão do Fed de convergência a meta). Sobre as eleições presidenciais, o cenário está bem em aberto e com pouco impacto no mercado financeiro por enquanto.

Um grande destaque no cenário internacional ficou com a China. Após alguns meses adotando somente medidas de estímulo monetário, tivemos uma sequência de ações divulgadas tanto pelo banco central chinês (PBOC) quanto de autoridades regulatórias, incluindo acenos do Politburo (Comitê do Partido Comunista) de mais estímulos futuros, evidenciando um forte engajamento do governo com a retomada econômica. No pacote anunciado tivemos desde medidas monetárias (cortes de juros, redução de compulsório e estímulos ao crédito) à medidas fiscais (emissões de títulos de dívidas, por exemplo). Além disso, o foco também foi a reativação do setor imobiliário com a redução de taxas hipotecárias e a possibilidade de refinanciar dívidas visando redução de juros.

No Brasil, a política monetária também foi destaque com a decisão do Copom (Comitê de Política Monetária) de iniciar um ciclo de aperto monetário. O aumento da Selic em 25 pontos veio relativamente abaixo do que muitos esperavam, contudo o tom duro do comunicado e da ata ajudaram a convencer o mercado do compromisso do Banco Central com o controle inflacionário. A principal mudança no discurso do comitê ficou com a avaliação do balanço de riscos assimetricamente altista para a inflação. Dentre os argumentos tivemos expectativas de inflação de médio prazo ainda desancorada e o hiato do produto positivo (diferença entre PIB potencial e efetivo que sinaliza uma economia aquecida). Dado a mensagem mais austera e a votação consensual, o mercado passou a precificar um ciclo mais agudo com altas de até 200 pontos base.

No front econômico, a atividade local segue surpreendendo para cima, em parte respondendo aos estímulos fiscais, tendo já projeções de alta do PIB para 2024 acima de 3%. O mercado de



trabalho segue aquecido com recorrentes quedas na taxa de desemprego (6,5% no trimestre encerrado em junho/24). O crescimento dos rendimentos e a baixa desocupação geram desconforto no controle inflacionário de curto prazo. Por outro lado, a inflação surpreendeu para baixo nas últimas leituras e trouxe aspectos qualitativos positivos, como queda de núcleos importantes na visão do Bacen. Um ponto que ainda gera muitas preocupações ao mercado é a situação fiscal brasileira. O último relatório bimestral de receitas e despesas do governo central não foi bem recebido pelo mercado financeiro diante de revisões de despesas ainda subestimadas, na visão de muitos, e o descontingenciamento de gastos orçamentários, que transparece um foco muito mais na banda inferior da meta do que no centro dela. Muito embora o atingimento da meta fiscal este ano não seja tão impossível, o grande risco fica com o ano que vem e o escasseamento de novas medidas arrecadatórias.

## Desempenho do Fundos de Investimento

### Fundos Banrisul da família Foco e Previdenciários<sup>1</sup>

No mês de setembro tivemos um aumento da aversão ao risco no mercado brasileiro, muito por conta de fatores internos. Enquanto nos EUA a curva de juros recuou em toda sua extensão com o início de corte de juros, aqui tivemos um deslocamento para cima tanto da curva nominal, quanto de juros reais. Mesmo com movimentos opostos de política monetária, entre aqui e EUA, que aumentou o diferencial de juros a favor do Brasil e levou o dólar a perder força contra o real, pesou mais no mercado de renda fixa a mensagem mais dura do banco central sobre a necessidade de mais aperto monetário que acarretou numa precificação maior da magnitude do ciclo. Esse movimento, além de elevar o nível da curva, estimulou muito a saída de investidores aplicados em juro retroalimentando o efeito. Não fosse somente isso, tivemos na política fiscal a divulgação do 4º relatório bimestral de avaliação de receitas e despesas com descontingenciamento de gastos e sinalizando novamente que o governo não busca o centro da meta de déficit zero.

Desta forma, o fundo **Banrisul Foco IRF-M (+0,29%)**, composto por ativos prefixados, teve um desempenho aquém do CDI (+0,83%) no mês. Já o fundo prefixado curto (com vencimentos até um ano), o **Banrisul Foco IRF-M 1 (+0,80%)**, foi levemente prejudicado pelo aumento do prêmio de risco nos vencimentos curtos, diante da postura mais austera do Copom. Os fundos indexados à inflação, compostos por NTN-Bs, tiveram uma performance similar ao prefixado. Assim, o **Fundo Banrisul Foco IMA-B**, de longo prazo, rendeu **-0,72%** e o **Banrisul Foco IMA-B5+**, que contém somente NTN-Bs acima de 5 anos, **-1,47%**. O **Banrisul Foco IDkA IPCA 2A**, que possui uma carteira com duração média de até dois anos, fechou o mês com rentabilidade de **+0,44%**. Por fim, o **Banrisul Foco IMA-Geral**, que possui uma carteira mista entre pós-fixados, prefixados e indexados em IPCA, teve resultado de **+0,32%** em setembro.

### Fundos Banrisul CDI<sup>2</sup>

Em setembro, as taxas de negociação das LFTs (Tesouro Selic) apresentaram queda, principalmente nos vencimentos mais longos, possivelmente por um excesso de liquidez no mercado e busca por prêmios mais atrativos na parte longa. Com isso, o índice IMA-S teve um bom rendimento de +0,87% no mês, acima do CDI (+0,83%). No mês de setembro novamente tivemos uma considerável marcação positiva nos ativos de crédito privado. Logo, destacamos entre os nossos fundos CDI o **Fundo Banrisul Premium (+0,86% ou 103% do CDI)** e o **Banrisul Flex (+0,84% ou 101% do CDI)**, compostos por ativos de crédito privado e títulos públicos, assim como o **Banrisul Absoluto (+0,86% ou 103% do CDI)**, composto apenas por ativos públicos.

### Fundo Banrisul Multimercado

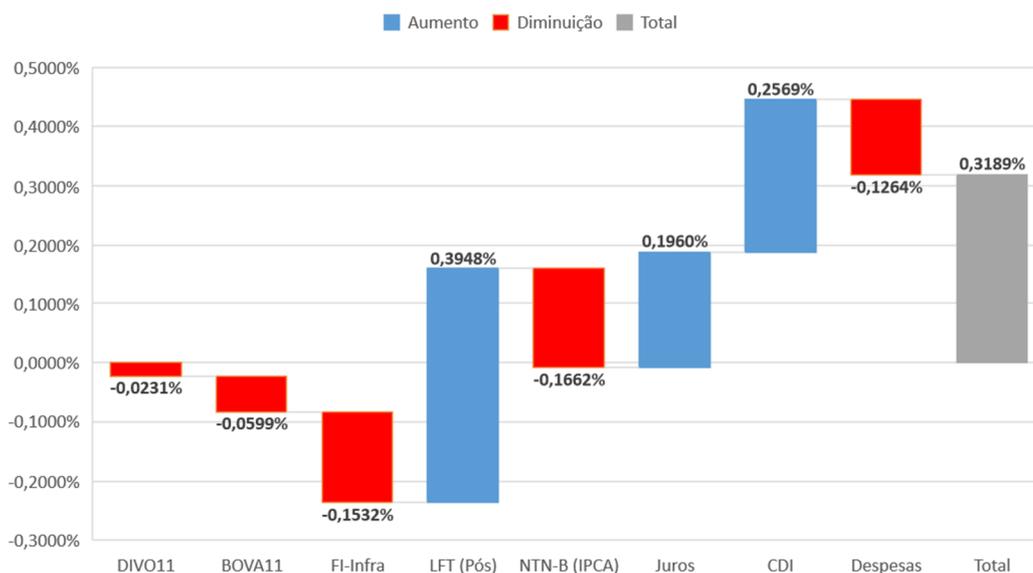
O Fundo **Banrisul Multimercado Livre** teve rentabilidade de **+0,32%** no mês de setembro,

<sup>1</sup> Fundos Banrisul Foco IRF-M, Foco IRF-M 1, Foco IMA-B, Foco IMA-B 5+, Foco IDKA 2A IPCA e Foco IMA-Geral

<sup>2</sup> Fundos Banrisul Master, Flex, Premium, Vip, Absoluto, Soberano e Simples

aproximadamente **38% do CDI**. Em um mês marcado pela aversão ao risco interno, o fundo conseguiu obter um resultado resiliente. Dentre as contribuições negativas, o destaque ficou pela performance negativa dos FI-Infra. Nas posições de renda variável o IDIV teve um desempenho melhor no relativo com IBOV, porém ainda com resultado negativo. A elevação dos juros reais longos prejudicou as posições em NTN-B, contudo, operações táticas na curva prefixada amenizaram a performance dos ativos de renda fixa. Prospectivamente, mantemos uma visão otimista para bolsa brasileira, após o ajuste da precificação de ciclo de alta da Selic, o diferencial de juros brasileiro tende a favorecer o câmbio local e ativos de risco. Na renda fixa, seguimos apostando na assimetria positiva do nível da curva de juros reais, com proteções estratégicas na posição tomada de juro prefixado.

### Banrisul Multimercado Livre - Atribuição de Resultados | Setembro/24



### Fundos Banrisul Renda Variável

Em setembro, o Ibovespa apresentou relevante queda de 3,07%, levando novamente o referencial para o terreno negativo no acumulado do ano, com queda de 1,76%. O fluxo do investidor estrangeiro tornou a ficar negativo, após dois meses (julho e agosto) com resultado positivo. No apanhado anual, o fluxo do investidor estrangeiro está negativo. Durante esse período, tivemos as principais contribuições negativas para o referencial vindas de Petrobrás, B3, Bradesco e JBS. Em contrapartida, as medidas chinesas de estímulo anunciadas no final de setembro afetaram positivamente a Vale, que teve a principal contribuição altista no mês, acompanhada de CSN Mineração e Gerdau na ponta positiva do referencial.

O **Banrisul Ações (-2,81%)** conseguiu superar o seu referencial no mês (SMML -4.41%) e, novamente, no ano, devido ao bom desempenho de Lojas Renner, Panvel, Marcopolo, Bradespar (Vale), CSN Mineração e, especialmente, por Electro Aço Altona. No entanto, mesmo com o desempenho acima do índice Small Caps, tivemos o desempenho prejudicado por Azza34 (Arezzo) e CSU Digital.

Quanto ao fundo **Banrisul Infra (-0,82%)**, ele se beneficiou de sua não exposição aos Bancos, que realizaram em setembro, e conseguiu superar o IBRX (-2,97%) com o bom desempenho de Vale, Gerdau e Marcopolo.

Na carteira do **Banrisul Performance (-0,75%)**, nos beneficiamos do retorno acima do mercado de ativos nos quais estamos com maior participação que o Ibovespa, como Vale, CSN Mineração e Eneva, além do retorno de Marcopolo, que foi bastante superior aos referenciais de mercado. Quanto ao que prejudicou o retorno da carteira, destacam-se CSU Digital, que teve retorno inferior ao mercado, além de Bradesco, Petrobras e Schulz.

No **Banrisul Dividendos (-0,91%)**, nossa maior exposição em CSN Mineração, Gerdau, Vale, Vivo e Sanepar apresentaram retorno acima do mercado e ajudaram o retorno da carteira. Da mesma

maneira, nossa menor exposição em ativos que caíram mais que o mercado, como Caixa Seguridade, JBS e BB Seguridade, nos beneficiaram. No entanto, o desempenho inferior ao mercado no período, de ativos que temos na carteira em patamar acima do referencial, como CSU Digital e Cyrela, nos penalizaram e ficamos aquém do referencial (IDIV -0,72%).

O fundo **Banrisul Índice (-3,17%)** teve como destaque nossas posições acima do referencial em Vale, Gerdau e Eneva. Também nos favorecemos de nossa menor exposição em Vibra, Asaí e B3. Negativamente, nossa maior participação em Bradesco, Petrobras, Sabesp e Equatorial, que tiveram retorno abaixo do mercado, impactaram o retorno do fundo.

Este relatório foi elaborado em 03/10/2024 pela Gerência de Gestão de Recursos de Terceiros da Banrisul Corretora e é de uso exclusivo de seu destinatário, não podendo ser reproduzido ou distribuído, no todo ou em parte, a qualquer terceiro sem autorização expressa do Banrisul. Este relatório é baseado em informações disponíveis ao público. As informações contidas neste relatório são consideradas confiáveis na data de publicação e as opiniões aqui contidas são baseadas em julgamentos e estimativas, estando, portanto, sujeitas a mudanças.

#### **SERVIÇO DE ATENDIMENTO AO COTISTA**

Gerência de Administração Fiduciária

Rua Siqueira Campos, 736 - 5º andar, Centro Histórico, Porto Alegre RS, CEP 90010-000 Telefone: (51) 3215.2300

Ouvidoria: 0800.644.2200 / SAC 0800.646.1515 *E-mail:* fundos\_investimento@banrisul.com.br

